

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Produzir ou reproduzir? Eis a questão

Maria do Socorro Oliveira

8x1
C9256.9465

81'42

048p

maí

BIBLIOTECA	
Universitária	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6287
Data	26/07/01

Pontes e Lacerda-MT, julho de 2001

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Produzir ou reproduzir? Eis a questão

Maria do Socorro Oliveira

Ensaio monográfico apresentado para
conclusão do Curso de Licenciatura
Plena em Letras – Unemat – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda.

Pontes e Lacerda- MT, julho de 2001

“É necessário que os textos sejam em si um desafio e como tal sejam tomados pelos educandos e pelo educador para que, dialogicamente, penetrem em sua compreensão.”

(Paulo Freire)

Agradecimento

Agradeço a Deus por ter dado-me força e oportunidade para conseguir realizar mais este sonho.

Dedicatória

À minha família que soube compreender a minha ausência do lar, especialmente aos meus filhos Juliana e Fabiano pelas vezes que deixei de participar de momentos importantes das suas vidas.

Aos meus professores que auxiliaram-me nos momentos em que deles necessitei. Em especial à minha orientadora Cleunice Maria de Andrade Silva e a saudosa Shirlei Aparecida de Fátima G. Máschio que iniciou a orientação deste ensaio monográfico.

A todas pessoas, que direta ou indiretamente, contribuíram com o meu crescimento.

Meu eterno muito obrigada.

Sumário

Apresentação -----	6
Discurso Pedagógico da Produção Textual-----	7
A Produção Textual em Questão-----	11
Considerações Finais-----	21
Bibliografia Geral-----	22
Anexos-----	24

Apresentação

Partindo do pressuposto de que produzir texto é algo que faz de quem escreve seu autor e não apenas o escrevente foi que surgiu o anseio de investigar o processo de produção textual.

Para subsidiar a análise deste trabalho foram entrevistadas, por meio de questionário, três professoras de duas escolas estaduais de Pontes e Lacerda. E também foram assistidas as aulas nas quais os alunos produziram os textos que se encontram em anexo. Para evitar constrangimento foram omitidos os nomes das escolas, dos alunos e das docentes.

A presente dissertação resulta de uma pesquisa que teve como objetivo principal observar os critérios valorizados pelas docentes nas produções textuais, nas 5ª séries. A partir dos dados foi possível fazer um estudo sobre o discurso e a prática pedagógica das docentes nas aplicações de produções dos textos que estão em anexo.

Para sustentar o discurso contido no *corpus* deste trabalho foram utilizadas várias teorias. E com base nesses teóricos estivemos comentando os desvios que estão ocorrendo nas salas de aulas observadas, com relação as produções de texto. E o que deve ser valorizado para que o aluno torne-se um ser crítico, capaz de opinar na sociedade em que vive.

Apesar dos anexos estarem digitados os mesmos são transcrições fiéis dos textos originais.

Discurso Pedagógico da Produção Textual

Uma das atividades trabalhada nas escolas, mais especificamente na disciplina de Língua Portuguesa, é a produção de texto. Mas será que os alunos têm conhecimento do que seja um texto? Sabemos que há várias definições de texto, porém citaremos aqui somente três.

Para Severino Antônio M. Barbosa *texto é uma unidade de linguagem, de extensão variável, produzida a partir de um determinado contexto ou situação.* (1992:34)

Já para Ulisses Infante *texto significa tecer, entrelaçar várias partes menores afim de se obter um todo inter-relacionado.* (1996:46)

Elisa Guimarães vai além desses dois conceitos. Segundo ela a palavra texto designa um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno. Concretiza-se, pois, numa cadeia sintagmática de extensão muito variável, podendo circunscrever-se tanto a um enunciado único ou a uma lexia quanto a um segmento de grande proporções.

Ainda segundo a referida autora o texto pode ser visto também sob um outro prisma de reflexão, vê-se o texto, de um lado, como um sistema concluído, um conjunto hierarquizado de configurações estruturais internas; de outro lado; como um conjunto aberto, plural dialogante, ligado ao contexto extraverbal. (1995:14). Diante dessas definições percebe-se que fazemos uso dos textos a todo momento. E que a maior parte desses uso ocorre na oralidade. Trataremos com mais profundidade, neste trabalho, as questões que envolvem a produção escrita.

Entendemos que o texto deve constituir-se de “sentidos”, e partindo dessa concepção é que estaremos trabalhando algumas considerações sobre textos, as mesmas estão inscritas nos livros: *O Texto em Sala de Aula* de João Wanderley Geraldi; *Por que (não) Ensinar Gramática* de Sírio Possenti; *Alfabetização e Linguística* de Luiz Carlos Cagliari e *Aprender e Ensinar com Textos*, este coordenado por Lígia Chiappini.

Sabe-se que os textos orais ou escritos são basicamente o lugar no qual os alunos relacionam os conhecimentos adquiridos, seja na escola, no lar ou em qualquer meio social. Apesar do conhecimento acontecer em todos os lugares é a escola que tem a tarefa de propiciar ao aluno condições para que ele consiga fazer essa correlação extraindo conclusões a partir delas, em outras palavras. *Ensinar é criar espaços para fazer valerem estes saberes silenciados para confrontá-los com os conhecimentos sistemáticos.* (CHIAPPINI, 2000:21)

Um texto sempre tem ligação com outros textos, pois só se produz um texto conhecendo o assunto sobre o qual vai escrever. Nota-se que essa relação entre os textos, os pontos de vista que os orientam, a coexistência numa sociedade constituem a herança cultural. Na qual o escritor (o aluno) passa a fazer parte, valendo-se do ponto de vista que dos textos passados surgirão novos textos. Mas tais textos só surgirão a partir do momento que o docente aceitar o aluno como parte integrante e ativo no diálogo entre texto/leitor. E conceder ao aluno o direito de ser o sujeito do texto. Caso contrário o discente será sempre um mero copiador.

Percebemos que os sistema educacional conduz o processo de produção de texto de maneira incorreta, pois deveriam ensinar a escrever da mesma forma que procedem os jornalistas e escritores.

... escritores, jornalistas não fazem redações. Eles pesquisam, vão à rua, ouvem os outros, lêem arquivos, lêem outros livros. Só depois escrevem, e lêem e relêem, e depois reescrevem, e mostram para colegas e chefes, ouvem suas opiniões, e depois reescrevem de novo.

(POSSENTI, 1998:49)

Tais procedimentos não são encontrados nas escolas, nelas o aluno tem que escrever seu texto de uma única vez, mal tem tempo para reler e passar a limpo.

A sala de aula precisa ser espaço aberto para o diálogo e confronto de conhecimento entre professor/aluno e aluno/aluno, todos portadores de saberes diferentes, que na sala de aula se confrontam com outros saberes, já sistematizados (teóricos). Vejamos a afirmação de Chiappini:

... concebendo-se a sala de aula como lugar de interação verbal e por isso mesmo de diálogo entre sujeitos, ambos portadores de diferentes saberes. São os saberes do vivido que trazidos por ambos – alunos e professores – se confrontam com outros saberes, historicamente sistematizados e denominados conhecimentos que dialogam em sala de aula.

(CHIAPPINI, 2000:21)

Sabemos que ensinar é criar espaço para discutir os conhecimentos vividos por alunos e professores, é elaborar programas de estudos baseados em fatos ocorridos no próprio processo de ensino/aprendizagem. Isso implica na interação verbal e na construção da própria história.

Geraldi considera que as produções de texto na escola têm sido um martírio não só para os alunos, mas, também para os professores. Os professores sentem-se decepcionados ao perceber que suas orientações não foram suficientes para que os alunos redigissem bem. Os alunos, na maioria das vezes, não têm bagagem suficiente para a escrita.

Sabemos também que nem todos os alunos olham as anotações feitas pelo docente. Alguns chegam a jogar o texto no cesto de lixo, às vezes até, na frente do professor.

Nota-se que os educandos sentem-se desmotivados, talvez seja por não acreditar que este tipo de exercício lhe acrescente conhecimentos, por outro lado tem a questão da mesmice, que é a repetição de assunto ano após ano. O aluno muda de série, mas na maioria das vezes os temas continuam os mesmos.

Os temas propostos tem se repetido de ano para ano (...) no início do ano, o título infalível Minhas Férias; em maio, O Dia das Mães; em junho, São João; em setembro, Minha Pátria; e assim por diante.

(GERALDI, 1995:64)

Sabe-se que é da competência da escola “ensinar” o aluno a escrever conforme exige a escrita padrão, ou seja, de acordo com a norma culta, pois é a forma mais valorizada socialmente, a que predomina.

No entanto, percebemos que o controle muito rígido das formas ortográficas, ou dos desvios da norma culta, destroem o discurso linguístico do aluno, porque ele se

prende demais a tais “problemas” e desvia a atenção do discurso argumentativo. Além do mais, se começarmos a tolher muito o aluno, ele acaba perdendo o estímulo para a produção escrita e muitas vezes até para expressar-se oralmente.

Pode-se dizer que a escrita continua sendo entendida como espelho da fala, e um texto bem escrito ainda continua a ser considerado como aquele que não tem erro ortográfico.
(CAGLIARI, 1997:123)

Na visão de Geraldí, a produção de texto nas escolas foge totalmente ao sentido do uso da língua, *os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos, textos que serão lidos por apenas uma pessoa, que irá corrigi-los e dará uma nota, depois não terão mais serventia.*

Para mudar essa visão que os textos só servem para exercitar a escrita e depois são descartados, o referido autor propõe métodos diferentes e outros destinos às produções. Destinos esses que, segundo ele, precisam ser informados aos alunos logo no início do ano letivo.

Ele sugere que os docentes trabalhem com as 5ª séries textos narrados pelos próprios alunos. A cada semana um aluno ficará encarregado de descobrir com seus pais, tios, avós, etc., uma história e depois relate-a aos seus colegas em sala de aula. Os alunos devem escrever a história em seus cadernos de redações. E com estes textos o professor organizará uma publicação de antologia. Em cada produção deve constar o nome de quem contou a história e de quem produziu o texto.

A Produção Textual em Questão

Ninguém pode, nos dias de hoje, ignorar o fato de que qualquer aluno dispõe de uma quantidade mais do que significativa de informações, sobre quase todos os domínios do conhecimento, este é oriundo dos mais diversos meios de comunicação. O que o aluno na maioria das vezes não sabe é organizar tal aprendizado conforme requer a norma culta.

Sabe-se que é tarefa da escola orientar o aluno para que ele consiga estabelecer as devidas correlações entre essas informações, ajudando-o a discernir as que se implicam das que se excluem e utilizá-las apropriadamente como recursos argumentativos para sustentar seus pontos de vista.

Observa-se que são nos textos, que tais articulações se realizam. Daí decorre a conclusão de que é através dos textos que os alunos vão adquirindo a competência de operar criativamente com os dados armazenados.

Foi pensando assim que surgiu o desejo de investigar o processo e o produto de produção de texto em três classes de 5ª séries, em duas escolas estaduais de Pontes e Lacerda.

Sabemos que escrever não é meramente desenhar os signos lingüísticos interligando-os entre si. Acima de tudo o escritor (aluno) do texto precisa assumir a posição de sujeito e ter uma participação ativa na construção dos significados.

Geraldi alerta que o sistema educacional desvia o uso da língua, porque os alunos escrevem unicamente para o professor, o que diminui o valor existencial do exercício de produção de texto.

Sendo a linguagem um sistema de interação social, esta deve acontecer em qualquer meio, seja oral ou escrito. Se os textos (escritos) pelos alunos não são repassados a outros leitores, (que podem ser seus colegas de classe ou de escola) deixa de ocorrer a interação social. E essa ação recíproca deveria ser valorizada pela escola, porque isso ajuda no desenvolvimento cognitivo do aluno.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)?

(GERALDI, 1995:65)

Notamos pela pesquisa efetuada que alguns professores ainda continuam desviando a linguagem. Escola e professor estão presos ao pedagogismo que não condiz com o uso da língua, pois ainda prevalecem o conceito de que sala comportada é aquela que não se ouvem conversas, primam muito pelo aluno quietinho que não “atrapalha” o desenvolvimento da aula.

Nas aulas que assistimos não houve a interação entre os discentes quando produziam os textos. Isto é, não foi dado espaço para que os alunos debatessem o assunto sobre o qual produziriam o texto.

A proposta que Geraldi faz aos professores de 5ª série não foi presenciada em nenhuma das aulas de produção textual que foram observadas para este trabalho.

... os alunos escreverão história (ou estória, se assim preferirem meus leitores!) Como? Um aluno, a quem previamente o professor solicitou que pedisse a seus pais, tios, avós, etc. para contar a história em casa, contará tal história para toda a classe.

(GERALDI, 1995:66)

É obvio que esta opção não exclui qualquer outra, mas o autor sugere porque acredita ser mais fácil iniciar o trabalho de produção de texto com narrativa de história. Pois assim o aluno não fica perante dois dilemas (criar e escrever), enfrenta somente o de escrever.

Ao trabalhar a produção de texto a professora B da primeira escola fez com que os alunos usassem o gênero narrativo, só que não alcançou o objetivo colocado pelo autor (acima citado), pois não ocorreu narração de história trazida pelos discentes. Os alunos tiveram que inventar a história baseando-se nas figuras. Dessa forma a docente expõe seus alunos diante das mesmas dificuldades que enfrentariam se fosse outro gênero.

Analisando os textos 1 e 2, que estão em anexo, percebe-se a artificialidade do trabalho por deixar solto o uso da linguagem que está fora da situação real de comunicação. Criou-se um profundo vácuo entre os autores e a realidade. Os alunos produziram os textos baseando-se em contos de fadas, onde tudo é lindo e maravilhoso, começaram com o famoso chavão “era uma vez” e finalizaram com a felicidade dos personagens.

Ao indagar a referida professora sobre como ela realiza o trabalho com produção textual ela disse-nos que usa, conforme comprovamos no trecho seguinte:

atividades diversificadas através da linguagem verbal e não-verbal, utilizando filmes, músicas, gravuras, lembranças, muita imaginação e criatividade. Procurando conduzir o discente a escrever com sentimento dentro da realidade que o cerca e através daquilo que considera importante e necessário para o desenvolvimento do discente.

(Professora B)

Vimos que na prática ela utilizou bem pouco dos recursos já citados, lembrou os tipos de linguagem, mandou que os discentes usassem o discurso direto. Em seguida distribuiu aos alunos folhas com gravuras para que os mesmos escrevessem os textos. A imaginação e a criatividade ficaram a critério de cada um. No processo de correção a mesma preocupou-se com os erros ortográficos e de pontuação, ou seja, com os aspectos gramaticais, deixando de lado a criticidade e a criatividade do aluno. Cremos que este tipo de atitude é uma das prováveis razões do aluno apresentar dificuldades ao redigir. É claro que suas falhas, com relação a norma culta, não devem ser ignoradas, porém essas correções poderão ser feitas paulatinamente, isto é, ao longo do processo escolar do aluno, sem deixar, contudo, que isso interfira no processo de aprendizagem e no raciocínio no momento da produção escrita.

Ao fazer a mesma pergunta à professora A, também da primeira escola, ela respondeu que *geralmente escolhe um tema, conversa a respeito do mesmo sondando o conhecimento dos alunos, depois dá textos (para leituras), vídeo ou músicas, volta o debate sobre o assunto e então pede a produção.*

Vimos que esta prática acontece parcialmente. Inicialmente a professora dividiu a turma em grupos de cinco componentes, deu-lhes vários textos para que lessem, todos os textos referiam-se à família. Após a leitura prévia produziram os textos.

Importante ressaltar que a professora não explorou a realidade vivida pelos alunos, ela simplesmente colocou o seu ponto de vista, com essa ação ela deixou de trabalhar na oralidade, a visão de cada um sobre o assunto em discussão.

Quando indagamos a professora A da segunda escola como trabalha a produção de texto a mesma disse que *procura trabalhar de uma forma dinâmica, onde o discente tenha a oportunidade de se expressar oralmente, percebendo a diferença entre a produção oral e a produção teórica.*

Ao assistir suas aulas verificamos que a professora cometeu a mesma falha da professora A da primeira escola, apesar de ter ministrado sua aula utilizando um tema muito polêmico no momento – o racionamento de energia – direcionou as discussões sobre sua ótica. Observando os textos 3 e 4 (anexos) podemos ver que em geral os signos lingüísticos estão bem entrelaçados, no entanto, esses autores deixaram de colocar suas posições a respeito dos acontecimentos, relataram nas produções as condições impostas, tantos pelos que controlam as redes de energias, como pelos pais. Estes por estarem preocupados com o que pode vir acontecer caso não consigam economizar a quantia exigida.

Percebe-se que esta prática acontece porque o professor não dá muita ênfase aos fatores de argumentação, pois na maioria das vezes fica procurando nos textos erros ortográficos e desvios da norma culta.

... na escola não se produzem textos em que um sujeito diz sua palavra, mas simula-se o uso da modalidade escrita, para de fato usá-lo no futuro. é a velha história da preparação para a vida, encarando-se o hoje como não-vida. É o exercício.
(GERALDI, 1995:128)

Produzir texto é algo complexo e que requer do aluno (autor) a plena consciência de leitura de mundo, mas para isso o mesmo não deve ter medo de expor suas idéias.

Quanto à questão levantada: Você acredita que a produção de texto é um momento de prazer para seu aluno? Uma professora disse que *sim, porém isso só*

acontece quando o aluno é motivado a escrever com atividades práticas e criativas; a professora A da segunda escola também acredita que sim segundo ela é o momento adequado para que os alunos possam expor seus pensamentos sem interrupções e a professora A da primeira escola responde que nem sempre é, e para que seja, é preciso um empenho muito grande do professor para que o assunto seja interessante e desperte interesse, caso contrário, não passa de uma atividade chata onde o aluno só vê a intenção do professor em corrigir seus erros gramaticais.

Pelas aulas observadas pudemos constatar que é o próprio professor que faz com que o discente crie essa imagem negativa com relação a produção de texto (atividade chata, como a professora citou).

A escola, na pessoa do professor, continua presa em avaliar o processo do aluno quanto ao erro ortográfico, sequência de idéias, caligrafia, ordenação de parágrafos, pontuação, etc.

Cremos que este tipo de atividade deixa a maioria dos discentes desmotivados, principalmente os que ainda não adquiriram todos os requisitos, que acabamos de citar, porque são recriminados pelo docente.

O controle das formas ortográficas é conveniente para fazer avaliações de massa nas classes, mas um desastre para ensinar alguém escrever o que pensa. O excesso de preocupação com a ortografia desvia a atenção do aluno, destruindo o discurso linguístico, o texto, para se concentrar no aspecto mais secundário e menos interessante da atividade de escrita. Além disso, o controle ortográfico destrói o estímulo que a produção de texto desperta numa criança.

(CAGLIARI, 1997:124)

Como vimos as professoras, às vezes, desviam o objetivo da produção textual. Cremos que não é só reproduzindo a escrita que se formam cidadãos capazes. Podemos fazer isso ensinando aos alunos a aprenderem, orientando-os para que desenvolvam o olhar crítico.

Os alunos observados ainda não conseguiram alcançar esse objetivo, pois continuam parafraseando, isto é, escrevendo a visão dos outros. Não que isso seja errado, mas o que precisa ficar claro, é que a produção de texto não pode ficar só nesse nível.

O docente deve oferecer ao aluno a oportunidade de se expressar, ou seja, de tirar suas próprias conclusões, de fazer suas interpretações.

Pelas observações feitas, nas três salas de aulas, nota-se que as atividades de produção textual não decorreram da seqüência de trabalhos, porque apareceram desvinculadas de outras atividades tanto anterior como posterior.

Vale ressaltar que a professora A da primeira escola usou uma leitura prévia como preparação, as outras duas somente comentários.

Sabemos que esse tipo de trabalho (fragmentado) não visa a construção de conhecimento permanente, também não concebe o educando como ser capaz de compreender a realidade social e nela interagir. Os alunos vêem as produções de textos como um ato mecânico, que depois de pronto é só esperar a nota.

Para Maria M. I. Sercundes in CHIAPPINI, este tipo de atividade

... leva o aluno a pensar que o ato de escrever é simplesmente articular informações, conseguindo fazê-lo da melhor forma aqueles que têm Dom e inspiração, sendo esses os premiados. Aos outros resta conformar-se.

(CHIAPPINI (organizadora), 2000:76)

Sabemos que isso não é verdade, apesar de alguns terem mais facilidade, das salas de aulas serem heterogêneas, todos têm possibilidades de aprender. A não ser que tenha alguma deficiência que atrapalhe o aprendizado.

O trabalho com produção de texto deve emergir de um processo associado ao projeto pedagógico, o mesmo precisa ser bem elaborado e não usar qualquer pretexto para produzir texto.

É comum encontrar nos livros didáticos propostas em que após a leitura e interpretação do texto, os alunos devem fazer uma redação, geralmente, abordando o tema lido. Procedimento como este pode fazer com que o aluno crie expectativa negativa com relações as leituras. Porque passam a associá-las com a obrigatoriedade de se produzir textos.

Produzir parece ser uma seqüência natural dessa atividade prévia e é o que se chama de uma conseqüência imposta didaticamente (...) ler passa a implicar produção de texto.

(CHIAPPINI, (org.), 2000:85)

Um dos objetivos da escola é despertar no aluno o gosto pelas leituras e produções de textos. Porém notamos que as metodologias utilizadas podem estar prejudicando esse processo. Observa-se que em lugar de aproximar estão afastando o aluno das leituras.

Percebemos que a escola falha ao fazer uso dos textos contidos nos livros didáticos. Foi o que aconteceu com a professora A da primeira escola. Ela levou para a sala de aula cinco textos para que os alunos lessem e depois produzissem seu próprio texto. Após as leituras comentou a formação das famílias de cada texto. No entanto, nada disse ou sugeriu aos alunos que dissessem sobre suas famílias. As famílias reais, que formam a comunidade do bairro, onde moram, a sociedade de Pontes e Lacerda, que compõe a sociedade brasileira, isto é, não relacionou os textos com o contexto dos alunos.

Um dos textos utilizados é o de Lourenço Diaféria que tem como título *Já não se fazem pais como antigamente*. A leitura do título faz-nos pensar que os pais de hoje não são tão bons como os do passado. Isto é um equívoco, pois são pessoas de época e valores diferentes. Ao ler o texto percebe-se que se trata de um robô comprado pela mãe, para os serviços domésticos e principalmente para substituir a figura paterna. Como podemos notar pela citação.

Filhinho, vem ver o papai que a mamãe trouxe. (...) Fazia tempo que sentia falta do pai, o qual havia dado no pé.

(Palavras e Idéias, 6ª série, 1996:78)

Percebemos a falha da professora mais uma vez, por não relacionar o texto ao contexto histórico do autor. Vários questionamentos poderiam ter sido levantados. Ela deveria ter usado essa referência biográfica (que encontra-se bem ao lado do texto), pois isso com certeza é de grande valia para entender o texto.

Lourenço Diaféria nasceu em 1933 e é paulistano. Jornalista, começou a trabalhar na profissão aos vinte anos e continua nela até hoje. Tem publicado crônicas, contos e novelas, e se considera um trabalhador braçal cuja ferramenta é a máquina de escrever.

Diaféria é, por excelência, o cronista da cidade grande, da cidade de aço e concreto armado onde seres humanos anônimos

vivem seus pequenos dramas individuais e coletivos. Em seus textos misturam-se o humor e a tristeza, exatamente como acontece no dia-a-dia da metrópole, aparentemente impessoal e fria, mas cheia de vida e dor apenas encobertas.

(NICOLA e INFANTE, 1996:78)

Como podemos ver pela citação o texto foi escrito por um pessoa que vive com as peripécias da cidade grande. Sabemos que quem mora nas grandes metrópoles têm hábitos diferentes dos que vivem em pequenos povoados. Naquelas as pessoas quase não se conhecem, nem mesmo sabem o nome do vizinho que mora parede-meia, não cultivam a amizade. Estão sempre apressados, de um lado, por medo dos perigos, do outro, porque precisam trabalhar. Compreende-se que são levados pelas circunstâncias a agirem dessa forma, pois esta é a “lei” da sobrevivência.

Sabemos que não é só a criança que não mora com os pais que sente a falta deles. Como vemos no texto. Muito dos que vivem no mesmo lar também, pois devido ao trânsito, a distância e ao período de trabalho, a grande maioria dos trabalhadores é obrigada a sair para o serviço de madrugada, deixando seus filhos dormindo. E como só conseguem chegar em casa tarde da noite, as crianças já foram para a cama. Assim acabam por ter pouco contato com os filhos, que crescem ausentes deles, sentindo falta de carinho e de compreensão.

Um outro ponto que poderia ter sido explorado no texto é a evolução da tecnologia. Avanço que trouxe consigo a desvalorização do ser humano no mercado de trabalho. É o homem sendo substituído pelas máquinas. Essa inovação começava a alcançar os lares. É o caso da família contida no texto.

— Ele conta história, mãe? (...) não conta histórias. Mas assiste a televisão. (...) o equipamento paterno já havia colocado os chinelos e, sem dizer uma palavra, foi até a mesa e apanhou o jornal.

A mãe puxou o filho pelo braço:

— Agora vem, filhinho. Vamos lá para dentro, deixa teu pai descansar.

(Palavras e Idéias, 6ª série, 1996:79)

A humanidade encontrava-se fascinada com o surgimento dos robôs, que são capazes de desenvolver as tarefas do ser humano. E o texto é uma forma de questionar

essa mudança de valores. Percebemos que essas máquinas não podem substituir o homem em todos os sentidos.

Com a leitura do texto notamos que apesar de ser um robô moderno, ele não consegue agradar totalmente o menino, porque este sente saudade do pai e das histórias que ele contava. Entendemos que os sentimentos são virtudes do ser humano e isso não pode ser ocupado por um objeto.

Percebe-se então, as muitas possibilidades que a professora poderia ter explorado. Cremos que se ela tivesse feito esta explanação não estaria alienando os alunos, mas oferecendo-lhes mais possibilidades de questionamentos, para que façam um balanço dos fatos e tirem suas próprias conclusões.

Duas coisas chamaram-nos a atenção com relação a produção de texto nas escolas observadas: uma delas é a reação dos alunos quando as professoras solicitaram a produção, isso nos fez perceber que não sentem prazer em fazê-la; a outra é a rapidez com que eles cumprem a atividade, pois assim fica livre da obrigação.

Cremos que a escola deve mudar a maneira de proceder para que os alunos não continuem vendo a produção de texto como exercício de fixação da escrita, ou seja, uma atividade pronta, acabada e descartável.

Deve-se ainda fazer um trabalho diferenciado com o texto depois de escrito, nas aulas seguintes, ele pode e deve ser reescrito, pois entendemos que no momento das correções, isto é, das reformulações é que realmente acontece o aprendizado.

Entendemos que o aluno precisa aceitar produção de texto como um meio de adquirir conhecimento. E uma boa sugestão para que isso aconteça é trabalhar a produção de texto como os jornalistas e escritores, conforme propõe Sírio Possenti no trecho:

Eles pesquisam, vão à rua, ouvem os outros, lêem arquivos, lêem outros livros. Só depois escrevem e lêem e relêem, e depois reescrevem, e mostram para colegas ou chefes, ouvem suas opiniões, e depois reescrevem de novo.

(POSSENTI, 1998:49)

Vemos que a escola também pode proceder assim, desde que sensibilize o aluno mostrando-lhe o caminho a ser seguido, mas infelizmente isso não está acontecendo em algumas escolas, porque nelas não se produzem textos, e sim, escreve-se textos.

A escola deve também proporcionar mecanismos para a produção, tendo como objetivo principal oferecer ao aluno a oportunidade de se posicionar e se assumir como autor de seu texto não sendo só criativo, mas também crítico.

Nota-se pela pesquisa realizada que os alunos continuam fazendo redações com o nome de produção de texto, o que defere do objetivo desta, porque produzir texto é colocar e defender seu ponto de vista, é ser o sujeito do texto.

Pelo grau de escolaridade dos alunos, (5ª série), e através dos textos que serviram como “corpus” desta pesquisa, percebemos que os alunos têm uma história de vida escolar e já deveria diferenciar redação de produção, porém “alguns professores” com medo de deixar fluir a espontaneidade e a criticidade do aluno usa esse mecanismo de auto defesa, trabalhando a artificialidade do uso da linguagem, o que pode ser detectado nos textos em anexo.

Considerações Finais

Cremos que o objetivo da produção de texto na escola não é formar escritores profissionais, mas tornar o aluno dono de seu discurso, isto é, um ser capaz de opinar, ver e buscar soluções para os problemas do meio em que está inserido.

Vimos que as escolas observadas estão formando apenas escrivães de texto, isto é, pessoas que reproduzem o que foi dito, uma vez que não estão oferecendo possibilidades de dizer coisas novas. Ao nosso ver falta ao sistema educacional o esboço de despertar o aluno para a investigação, a pesquisa e a busca do desconhecido.

Apesar de percebermos que houve inovações nos métodos de aplicação de produção de textos constatamos que as professoras observadas, ainda são bastante tradicionais. Talvez isso seja porque assim foram formadas e por mais que tenham tentado mudar ainda não tenham conseguido o suficiente. Percebemos ainda que a mudança do discurso pedagógico na escola é só na aparência, porque a essência continua a mesma.

Ao longo desse trabalho constatamos a precariedade das produções de textos, pois o aluno só escreve a visão do professor, pois a dele não conta.

Dizem que a escola é aberta e democrática, mas no sentido que prega ser, que é *formar cidadãos críticos e conscientes*, pois neste sentido a maioria das escolas ainda estão fechadas e aquém daquilo que propõe.

Bibliografia Geral

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BARBOSA, Severino Antônio M. *Redação: Escrever é desvendar o mundo*. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1992.

CAGLIAARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e ensinar com texto*. (organização). 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA. *Prática de texto*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Ed. São Paulo, 1995.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 4ª ed. São Paulo. SP: Ática, 1995.

INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto*. 5ª ed. São Paulo. Scipione, 1996.

LUTFI, Eulina Pacheco. *Ensinando português vamos registrando a história*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1989.

Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. (5ª a 8ª séries), 1998.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 2ª ed. Campinas, SP. Mercados de Letras, 1996.

ANEXOS



A Fazenda Fantasia

Era uma vez na Fazenda Fantasia, tinha um casal muito lindo, que se chamava: Luiz e Luiza. Eles cuidavam da Fazenda, como se fosse deles.

Eles tinha muita criatividade dia, após dia, eles criavam idéias diferentes. E um dia Luiz disse: A Luiza.

_ Luiza, vamos ao terreiro tratar das galinhas e contar os pintinhos. Imediatamente Luiza disse: _ Vamos.

E então foram lá, quando chegaram começaram a gritar:

_ pruti, pruti, pruti

E as galinhas e os pintinhos vieram correndo e começaram a comer. Mas lá não tinha só galinha, tinha também um casal de patos. Quando as galinhas começaram a comer eles olharam e gritaram: _ Quem! Quem.

Luiz e Luiza já estavam prontos para sair. E Luiz, disse:

_ Vamos que já estamos atrasados e não podemos, nos atrasar mas nem um minuto de relógio.

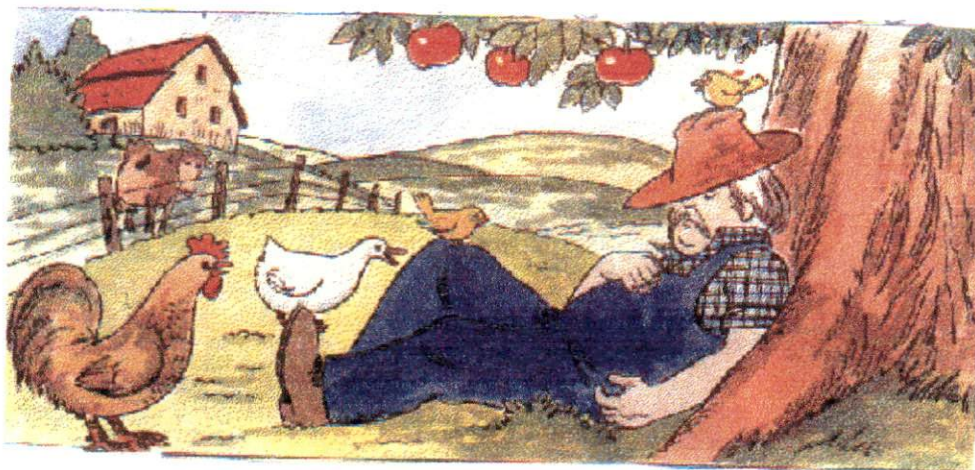
Luiza disse:

_ É verdade e como estamos atrasados! E lá foram eles ao passeio e no passeio criavam planos diferentes, para a Fazenda Fantasia.

Texto 1

E por isso eram tão felizes pois n m mesmo no passeio eles não se esqueciam de suas responsabilidades, que   a coisa mais importante na vida do ser humano.

Em fim eles são pessoas capacitadas. Então por isso são felizes neste lugar. Está foi a história da Fazenda "Fantasia"



Acorda seu João

Era uma vez o senhor João morava em uma fazenda muito bonita, casa bonita e era lindo o pasto onde vivia os animais.

Um certo dia o senhor João estava tão cansado de tanto trabalhar que resolveu ir descansar debaixo de um pé de maçã, e lá ele via seu galo que ele chamava de Titiricão, sua pata chamada Xodo, a vaca chamada Mimi e os dois passarinho Tico e titico, de tanto olhar a beleza da sua fazenda chegou a dormir, o galo, a pata e os passarinho chegaram perto do senho João.

_ Seu João acorda falou o galo.

_ Já é hora de acordar falava a pata

_ Mas como é que o senhor João possa dormir tanto assim respondia Tico que estava na perna do Senhor João.

E, vez de titico que estava na cabeça de seu João acordar o senhor João, ele começou a cantar, mas o senhor João não acordava já fazia duas horas que ele já estava dormindo.

E a vaca que ele gostava tanto chamada de Dódó falou múú para ver se o senhor João acorda ela gritou:

_ Senhor João acorda já é hora de acordar. O senhor João acordou e viu o galo, a pata, e os dois passarinhos estava todos ao redor dele, ele sorriu e disse:

_ Esses meus animais meus são todos preocupados comigo.

Texto 2

Produção de texto

Aprender a economizar

A causa do racionamento de energia foi devido ao desperdício das pessoas, porque as pessoas acham que porque, elas pagam podem gastar o quanto elas quiserem.

Algumas pessoas não concordam com o apagão, mas é a única solução. Quanto mais a gente economizar melhor para nós.

Na minha casa nós economizamos o mais que podemos: não deixamos todas as luzes acesas, não ligamos os aparelhos da casa tudo de uma só vez.

A noite a minha casa fica toda escura; a televisão, o som, o ventilador, etc., fica tudo desligado.

Minha mãe e eu economizamos, mas os meus irmãos não aprendem.

Eles abrem a porta da geladeira e fica olhando, quando ele se vão tomar banho eles gastam mais ou menos uns 15 minutos.

Se todos nós economizamos, tudo voltará a melhorar.

Vamos economizar

Energia, será que sem ela poderíamos viver? Talvez sim, mas e aquele programa de TV preferido, será que esqueceríamos e aquele banho quentinho e aquela fruta bem geladinha, será que esqueceríamos, então, vamos economizar. Deixe as luzes apagadas, não abra muito a geladeira, não deixe a televisão ligada o dia inteiro não tem necessidade.

Desligue o ar condicionado use o ventilador que gasta menos energia e pra que tomar banho de água quente se está calor vamos ajudar o nosso país economizando o máximo possível. Não vai ser fácil mas é preciso economizar.

A famílias

Existe muitas famílias Brasileiras passando por necessidade.

Muitas não tem nem onde morrar, as vezes ficam na rua ou até mesmo embaixo de pontes.

Existe pessoas que moram embaixo de pontes, mas pelo-menos tem o que comer!

Mas infelizmente também tem pessoas que morram na rua e não tem oque comer nem ode dormir. E o mas triste é saber que em meio tanta gente abandonada tem muitas crianças passando fome e sem ter pelo menos um cobertor ou um couxão para servir de repouso.

A gente doi o coração em saber que essas crianças choaram de fome, e as vezes ficam até dois ou até mas dias sem comer.

E por mais que essas pessoas que são pais de família não conseguem nem siquer um emprego digino, para poder sustentar as suas famílias com dignidade.

JENTI RICA!!!

Existe varios tipos de familia, a familia rica e a familia pobre vamos falar da familia rica.

A familia rica nem mesmo gosta de jenti preto, eles tem o coração de pedra não achuda jenti pobre jenti rica prefere jogar o dinheiro fora do que ajudar jenti pobre.

- jenti rica não agradece no pão de cada dia. Os coitados dos dos pobre se ganhar um pão ele agradece muito o pão.

- rico tem raiva de gente pobre. mas as pessoas não tem diferença.

Se uma peçoa rica morer eles tem dinheiro e leva no melhor medico do Brasil e faz resucitar viu o que o dinheiro faz é muito inacreditavas.

nas casas das peçoas rica existe empregados, chofé, etc.

jenti rica Anda na cidade e tem muito policias nos lado deles eles anda nos melhores carro do Brasil.

_ rico faz coisa eles tem bastante dinheiro eles se da vontadi de ir na praia de santos eles vai porque eles tem dinehrio. Se eles morer tem ricresa para toda ffamilia viu como e jenti rica.

JÁ NÃO SE FAZEM PAIS COMO ANTIGAMENTE

A grande caixa foi descarregada do caminhão com cuidado. De um lado estava escrito assim: "Frágil". Do outro lado estava escrito: "Este lado para cima". Parecia embalagem de geladeira, e o garoto pensou que fosse mesmo uma geladeira. Foi colocada a sala, onde permaneceu o dia inteiro.

À noitinha a mãe chegou, viu a caixa, mostrou-se satisfeita dando a impressão de que já esperava a entrega do volume. O menino quis saber o que era, se podia abrir. A mãe pediu paciência, no dia seguinte viriam os técnicos para instalar o aparelho. O equipamento, corrigiu ela, meio sem graça.

Era um equipamento. Não fosse tão largo e alto, pedia-se imaginar uma conjunto de som, talvez um sintetizador. A curiosidade aumentava. À noite o menino sonhou com a caixa fechada.

Os técnicos chegaram cedo, de macacão. Eram dois. Desparafusaram as madeiras, juntaram as peças peças brilhantes umas as outras, em meia hora instalaram o boneco, que não era maior do que um homem de mediana estatura. O filho espiava pela fresta da porta, tenso.

A mãe o chamou:

— Filhinho, vem ver o papai que a mamãe trouxe.

O filho entrou na sala, acanhado diante do artefato estranho: era um boneco, perfeitamente igual a um homem adulto. Tinha cabelos encaracolados, encanecidos nas têmporas, usava Trim, desodorante, fazia a barba com gilete ou aparelho elétrico, sorria, fumava cigarros *kings-size*, bebia uísque, roncava, assobiava, tossia, piscava os olhos — às vezes um de cada vez —, assoava o nariz, abotoava o paletó, jogava tênis, dirigia carro, lavava pratos, limpava a casa, tirava o pó dos móveis, fazia *strogonoff*, acendia a churrasqueira, lavava o quintal, estendia roupa, passava a ferro, engomava camisas, e dentro do peito tinha um disco que repetia: "Já fez a lição? Como vai, meu bem? Ah, estou tão cansado! Puxa, hoje tive um trabalhão dos diabos! Acho que vou

ficar até mais tarde no escritório. Você precisava ver o bode que deu hoje lá na firma! Serviço de dono-de-casa nunca é reconhecido! Meu bem, hoje não!”

O menino estava boquiaberto. Fazia tempo que sentia falta do pai, o qual havia dado o pé. Nunca se queixara, porém percebia que a mãe também necessitava de um companheiro. E ali estava agora o boneco, com botões, painéis embutidos, registros, totalmente transistorizado. O menino entendia agora por que a mãe trabalhara o tempo todo, muitas vezes chegando bem tarde. Juntara economias, sabe lá com que sacrifícios, para comprar aquele paizão.

_ Ele cota histórias, mãe?

Os técnicos olharam o garoto com indiferença.

_ Esse é o modelo ZYR-14, mais indicado para atividades domésticas. Não cota histórias. Mas assiste a televisão. E pode ser acoplado a um dispositivo opcional, que permite longas caminhadas a campos de futebol. Sabendo manejá-lo, sem forçar, tem garantia para suportar crianças ate seis anos. Porém não cota histórias, e não convém insistir, pode desgastar o circuito do monitor.

O garoto se decepcionou um pouco, sem demonstrar isso à mãe, que parecia encantada.

Ligado à tomada elétrica (funcionava também com bateria), o equipamento paterno já havia colocado os chinelos e, sem dizer uma palavra, foi até à mesa e apanhou o jornal.

A mãe puxou o filho pelo braço:

_ Agora vem, filhinho. Vamos lá para dentro, deixa teu pai descansar.

(Lourenço Diaféria)

Professora A da segunda escola.

Como você trabalha a produção de texto?

Procuro trabalhar de uma forma dinâmica, onde o discente tenha a oportunidade de se expressar oralmente, percebendo aí a diferença entre a produção oral e a produção teórica.

Você usa de multimeio didático (vídeo, revistas, textos variados, etc.) para introduzir o aluno no exercício de produção de texto? Exemplifique.

Utilizo revistas, textos variados ou debates; depende muito do assunto a ser trabalhado.

Ex.: devido a questão do racionamento estar sendo muito abordada pela mídia, promovi um debate na sala e depois pedi que produzissem um texto sobre o assunto discutido.

Você acredita que a produção de texto é um momento de prazer para seu aluno? Exemplifique.

Acredito que sim, pois é o momento adequado para que possam expor seus pensamentos sem interrupções. Ex.: quando é um assunto que na oralidade os colegas discordam, na produção ele aborda e defende de acordo com a própria visão.

Você acredita que a produção de texto desenvolva o potencial do discente? Comente.

Sem dúvida que sim. Pois na produção textual o discente tem a oportunidade não só de se expressar, como também de empregar as regras gramaticais. Oportunidade esta que não servirá apenas para desenvolver o potencial do discente como também para o docente estar avaliando suas práticas pedagógicas.

Você expõe os textos de seus alunos? Se você expõe, avisa aos discentes antes da produção de texto?

Não exponho sempre, mas quando é possível sim. E sempre que vou expor os discentes são comunicados.

Você acredita que se o aluno souber que sua produção vai ser lida por outras pessoas, além do professor, ele procura melhorar a produção? Por quê?

A produção em si acredito que não, mas o aspecto da produção como letra mais legível, pontuação, etc.; isso com certeza.

Professora A da primeira escola.

Como você trabalha a produção de texto?

Geralmente eu escolho um tema, então converso a respeito do assunto vedo o conhecimento dos alunos a respeito. Depois trago um texto, ou video ou música, tornamos discutir sobre e então peço uma produção escrita.

Você usa de multimeio didático (vídeo, revistas, textos variados, etc.) para introduzir o aluno no exercício de produção de texto? Exemplifique.

Sim, utilizo de vários meios, desde vídeos até mesmo outros textos, músicas etc.

Você acredita que a produção de texto é um momento de prazer para seu aluno? Exemplifique.

Nem sempre é. Para que seja, é preciso um empenho muito grande do professor para que o assunto seja interessante e desperte o interesse. Caso contrário, não passa de uma atividade chata onde o aluno só vê a intenção do professor em corrigir seus "erros" gramaticais.

Você acredita que a produção de texto desenvolva o potencial do discente? Comente.

Sim, porque o aluno acaba tendo que se definir na questão do discurso por exemplo (no caso de alunos do 2º grau) onde eles têm que ter claro o que pensam sobre o assunto, sem contradizer-se e também a prática de escrever faz com que cada vez mais esta tarefa se facilite para o aluno.

Você expõe os textos de seus alunos? Se você expõe, avisa aos discentes antes da produção de texto?

Sim. Exponho no mural, ou em ocasiões especiais, apresentamos oralmente às demais turmas.

Você acredita que se o aluno souber que sua produção vai ser lida por outras pessoas, além do professor, ele procura melhorar a produção? Por quê?

Sim, porque há uma preocupação maior em escrever gramaticalmente correto e eles acabam por pedir mais auxílio ao professor.

Professora B da primeira escola.

Como você trabalha a produção de texto?

Com atividades diversificadas através da linguagem verbal e não-verbal. Utilizo filmes, músicas, gravuras, lembranças, muita imaginação e criatividade. Procuro conduzir o discente a escrever com sentimento dentro da realidade que o cerca e através daquilo que considera importante e necessário para o seu desenvolvimento.

Você usa de multimeio didático (vídeo, revistas, textos variados, etc.) para introduzir o aluno no exercício de produção de texto? Exemplifique.

Naturalmente. Trabalho, por exemplo, fábulas e personificação através de filmes infantis como: O cão e a raposa e Tarzan. Posteriormente os alunos produzem o resumo e a análise crítica do filme.

Você acredita que a produção de texto é um momento de prazer para seu aluno? Exemplifique.

Sim. Porém quando o aluno é motivado a escrevê-la com atividades práticas e criativas. Exemplifico o ato de descrição, onde solicitei aos alunos que descrevessem seu ídolo sem revelá-lo no decorrer do texto. Após as apresentações a classe adivinha quem é o descrito secreto.

Você acredita que a produção de texto desenvolva o potencial do discente? Comente.

Sim. Pois no ato da produção o discente viaja no mundo da criatividade, desenvolvendo o seu senso crítico, a sua inteligibilidade e principalmente a sua imaginação. Tudo isso o conduz ao aperfeiçoamento lexical e à leitura dinâmica e coletiva.

Você expõe os textos de seus alunos? Se você expõe, avisa aos discentes antes da produção de texto?

Sempre que possível exponho os trabalhos objetivando valorizar a capacidade de cada discente. Às vezes aviso sobre a exposição para que o discente tenha consciência sobre a importância da coletividade no âmbito escolar.

Você acredita que se o aluno souber que sua produção vai ser lida por outras pessoas, além do professor, ele procura melhorar a produção? Por quê?

Creio que sim. Pois é natural do adolescente o senso de competição e a auto-estima, sendo assim o discente terá mais motivação para produzir seu trabalho e conseqüentemente o fará da melhor maneira possível, pois sua produção será valorizada coletivamente.